



Maria Luisa Soares*
luisa7soares@gmail.com

Vicissitudes de um reformado

1. Desde que chegou a Portugal, Artur tem dado bom uso aos binóculos que trouxe. E que mais pode um homem fazer nas circunstâncias dele: ninguém que o contradiga com razão. Surpreender a vida dos outros sem que eles tenham consciência disso, vai-lhe trazendo o que precisa para se manter à tona. Deixar-se de dramatismos inúteis, aqueles que minam as forças e o fazem perguntar-se todos os dias ao acordar, Artur que vais tu fazer hoje, que raio de vida te espera.

Traz consigo o peso de um coração dorido pela lembrança de outros dias felizes, essa é que é a verdade. Outros Natais sem aquelas máscaras deprimentes. Sem se sentir mergulhado em sozinhs. E como odiaste o fascínio das luzes espalhadas por toda a cidade, Artur. A tentação das montras. A ridícula alegria de tanta gente mascarada. Não te cansavas de achar que a nossa mortalidade, essa sim, é que devíamos ter presente, face ao número crescente de mortes causadas pela Covid. Tão desprovida de senso, esta gente. Estavas disposto a não pactuar com semelhantes parvoíces, a fechar-te em copas e deixar que o mundo toda à volta colapsasse em desvario, o desvario daquele tempo natalício.

Mas atenção que está na hora de o vizinho da frente entrar. Lá vem ele, máscara na cara ainda, a trocar os sapatos pelas chinelas que tem à entrada, abençoadas!, se os pés soubessem falar era o que diriam, e também a gravata que reclama pela atenção do dono e o leva a arrancá-la, que diabo de costume, que diabo de civilização que impõe a merdice do seu uso. Ainda deve faltar uns bons anos para a reforma a este tipo. Reforma. Eis uma palavra que o transtorna e lhe faz perder o domínio de si a ponto de mandar à fava os binóculos, para o que te havia de dar, Artur. Que fizeste da tua vida, homem, que é que te resta, hein? Saberás dizer-me para onde caminhas, tu, o recém-reformado, pronto a vir gozar na tua pacífica terra natal a merecida reforma que a Holanda te concede, hein? Olha, Artur, concentra-te antes no que tens diante dos olhos se queres perceber o que se passa. Sim, e algo se passa hoje, algo deve ter acontecido lá no escritório (este indivíduo é homem de emprego respeitável, vê-se, num desses escritórios que pululam em Portugal e onde os funcionários são mal pagos, mas paciência, é a vida, ao que tu fugiste, Artur). Ei-lo que se atira para cima do sofá ainda antes de se servir do habitual copo de Martini ou algo parecido e tem ares de estar a fazer a mesma pergunta que ele, Artur, faz ao acordar. Alguma coisa na mesinha em frente lhe chama a atenção. Parecem as folhas em que ele ontem à noite esteve entretido. Atira com elas, e já não é só cansaço o que ele sente: é uma fúria cega que o leva a atirar para longe com tudo o que encontra à mão, até o cinzeiro, até a estatueta, os livros, e que barafunda, que estardalhaço. O homem não está bem. Corre-lhe mal a vida. Já somos dois, amigo. Não há curiosidade que resista à exibição destas misérias portuguesas, constatas tu. Mas, pelo sim pelo não, ainda dá uma espreitadela a outro apartamento que também não desce as persianas. Mas qual, há-de desistir também deste, pois bem sabes que a pobre da velhota que lá mora está a estas horas diante da TV num gesticular desatinado que, se noutras alturas te provocava o riso, hoje te enche de impaciência. O que resta é saber se agora viraste voyeur, se pretendes substituir a Sanna de forma tão pouco... (falta-lhe a palavra adequada), o que te diria ela se te visse assim, sim o que te diria... Ah Sanna. Foi tua a ideia de irmos para cá. Pudera, tínhamos recordações fabulosas dos tempos em que te conheci aqui. Ambos nos inclinámos para esta decisão, ou não fosse eu um português saudosista. E em qualquer parte se morre, não é verdade?

Ele bem sabe que não leva a nada mergulhar no passado. Leva-o, isso sim, a uma inação doentia, um desapego de tudo o que seja construir uma vida normal. Sim,

porque, convenhamos, um homem de sessenta e seis anos ainda está vivo para muita coisa. Até é bem parecido, apesar dos estragos dos anos, e, sobretudo, tem uma rica reforma, tomara a muitos uma igual. Então por que se eriça todo quando as "oferecidas", como lhes chama, o olham da maneira como olham, e até metem conversa, umas conversas sem futuro que se veja? Até dos familiares que ainda tem por cá ele se afasta. O cão, sim, o cão é a sua companhia favorita. Não faz perguntas nem o critica, apenas lhe transmite o calor de uma compreensão que vai muito para além da humana. Sabe mesmo bem desabafar com um cão. E depois, não é só isso: sempre que alguma fulana sabida ousa de alguma forma interpelá-lo, sabem o que ele faz? Rosna, sim senhores, pois rosna. Um grande amigo é o que ele é.

2. Ao menos na Holanda... Agora deu-lhe para fazer comparações. Como se a Holanda fosse um céu aberto. Como se desde tempos remotos a Holanda não tivesse usado de muita sacanice para com Portugal (onde irá ele buscar estes laivos de patriotismo). Tens razão, amor, dir-lhe-á Sanna sempre presente, Portugal é um país muito querido que merece ser bem tratado. Este muito querido dela a aplicar-se sobretudo àqueles tempos em que escolheu vir até Portugal, o país da luz, do mar e das muitas coisas boas que vieram a acontecer.

O dia em que a conheceu, era um dia excepcionalmente cinzento, lembra-se, sem grandes perspectivas de passeios no exterior, daí talvez o pedido urgente de arranjo da TV, um dos recursos de quem vê frustrados os projectos de saída. Enquanto trabalhava ouvia-a ao telefone queixar-se amargamente de que em Portugal também fazia tempo chocho e que se assim continuasse iria possivelmente abreviar a estada. Falava um inglês com sotaque mas muito acessível e também percebia que ela ia cedendo a quem, do lado de lá, lhe ia dando motivos para não se precipitar, se calhar lembrando-lhe a glória de verão de dias anteriores. Não fazia muito caso da sua presença, e tinha um olhar impaciente que resvalava por sobre todos os cantos da sala, incluindo-o a ele também. Só à saída se desceuse num sorriso de gratidão calorosa e ele ficou a saber que aquela nórdica não era fria, não senhor, e entaramelou-se numa despedida em português-inglês enquanto lhe explicava que agora sim, tinha televisão. *Oh, I see, you speak english, perhaps you can tell me something about...* E enredou-se num pedido de explicações sobre a melhor maneira de chegar a Sintra. Sim, *he spoke english*, mas não tanto que lhe permitisse acompanhar aquele ritmo, aquele interesse quente que lhe aviva os olhos e a ela toda. Era uma nórdica (ainda não lhe sabia a naturalidade exacta) que fugia ao modelo do habitual, com cabelos escuros, bem escuros e olhos cinzentos onde perpassavam mais sombras que claridades. Oh, *sorry*, dizia ela de vez em quando, ao perceber que ele não a estava a acompanhar, e lá repetia devagar e de modo mais simples o que queria dizer. Mas perturbado, uma onda de perturbação, era o que o cirandava da cabeça aos pés, sim aquela mulher mexia com ele, tinha esses poderes.

Mas de súbito e inesperadamente, o telefone a tocar. Evidentemente que ela não o iria ignorar, quem era ele Artur, para lhe merecer tal cortesia. E pronto, foi quando julgaste, Artur, que estava tudo estragado, tão decorado ficaste, tão a maldizer os telefones desfazedores de momentos importantes na vida das pessoas. Ainda esperaste algum tempo, enquanto ela atendia, mas afinal foi dela que veio o gesto do definitivo: a mão que acenou a despedida que se impunha. Intruso, foi como te sentiste, um intruso parvo a quem só restava dar-lhe o espaço que ela pedia. E ainda hoje não sabes de onde te veio aquele gesto/impulso de puxares do teu cartão e lho deixares no colo. Talvez por te sentires um náufrago em vias de

afundamento e aquela ser a boia de salvação a que por instinto te agarraste. Nós, humanos, trazemos connosco muitos recursos e é em momentos destes que lançamos mão deles.

Pois, Artur, e tudo teria ficado assim em suspenso como ficou durante algum tempo. Embora lhe passasses repetidamente em frente de casa sem nada conseguir, nenhum vislumbre dela, nenhum sinal de aproximação. Mais tarde ela veio a contar-te que também tinha sentido como inoportuno aquele telefonema. O regozijo quando ela finalmente te telefonou...

Mas desce à terra, meu caro Artur. Sim, enquanto vais espiando o correio, esse papel que tens entre mãos é o habitual aviso de que hoje há reunião de condóminos, e, livra-te de te escusares a ir, ou queres que os outros condóminos continuem a olhar-te em desconfiança crescente: O que fará um estranha entre nós que quer manter distâncias, o que terá ela a esconder?

3. Hoje forçou-se a portar com normalidade. A normalidade que esperam dele, ainda por cima em vésperas de Natal. A mulher do administrador até é uma simpática, uma simpática educada e despretensiosa, e procura pô-lo à vontade com um sorriso amistoso e a indicação de um lugar onde ele se pode instalar. Foi ela quem descobriu que ele era português apesar do ar estrangeiro. É de facto um casal simpático aquele. Que sabe manter as devidas distâncias. Mas não lhe dá gozo espiá-lo com os binóculos, apesar de eles também às vezes não descerem as persianas do 5º andar onde moram. Apenas regista que dormem em quartos separados. Sim, quartos separados. Aquilo dá-lhe que pensar às vezes. Mas lá estás tu, Artur, enredado nas coisas do amor. Como se isso ainda te interessasse. Vamos lá, então, à bendita da reunião. Uma reunião que começa e acaba com Artur a boiar em desinteresse: se o segundo elevador está avariado, que se arranje sem demora, que diabo, ele está por tudo. Mas não pode negar que gosta de se reencontrar com as suas raízes, o português que realmente é. Reconhece que lhe faz falta não ter um clube de futebol favorito e não poder alinhar naquelas conversas descontraídas. Onde isso já vai. E isto de só ver e ouvir não tem muita graça, é o que estará a achar Artur.

Quando a reunião acaba, está toda a gente pronta para ir gozar o resto do serão conforme lhe aprouver. A Germana a dar o exemplo e a caminho de casa a retê-lo com o singular convite. Não quer vir fazer-nos um pouco de companhia?, eu e o meu marido deitamo-nos muito tarde... E o Jorge, que já deu por terminada a Acta da reunião: Venha meu caro, tenho um Porto óptimo, e sabe bem partilhá-lo enquanto conversamos. Artur ainda se lembra do cão que deixou sozinho em casa, mas resolve alinhar, basta de sozinhs humana. Basta de apenas te sentir, Sanna, tu sempre presente sem eu nunca te poder ter inteira. Como isso dói.

A sala já lhe mostrou o binóculo, só que a pairar com maior evidência, a existência de uma inconfundível presença feminina em todos os pormenores. Tão presente ainda essa sensação, tão aguda a lembrança de Sanna e do ambiente caseiro que ela tão bem sabia criar noutros Natais. Fizeste mal em vir, Artur. E agora já é tarde para uma fuga, iam julgar-te doido.

- Isto é o Jorge e os seus jornais, não faça caso e desculpe, é Germana que os procura acomodar num cesto.

- Ainda trabalha?

- Que quer, uma vez jornalista, jornalista toda a vida.

De facto eram pessoas com quem dava gosto conversar. E desanuviar, correndo o cão de Artur o risco de se ver substituído por eles.

3. Continuaram os convites para os serões em casa dos teus amigos do 5º que não aceitavam negas. E a verdade é que lá ias tu, a princípio por delicadeza, depois porque